

FEMINIDADE E MATERNIDADE***Véra Motta**

Em *Sexualidade Feminina* (1931), Freud (1974) descarta, definitivamente, qualquer paralelismo entre o desenvolvimento sexual masculino e o feminino, o que nos leva a considerar o estado de exceção em que se encontra a mulher, no pensamento freudiano.

Sua primeira descoberta, em realidade surpreendente, diz respeito ao fato de que, nas mulheres, exerce considerável importância a fase pré-edipiana, ou seja, que, por trás da intensa ligação que muitas mulheres têm com relação ao pai, sobressai uma igualmente forte ligação com a mãe, fruto de um longo período de dependência.

Freud (1974) supõe, para as mulheres, um tríplice caminho no desenvolvimento da sexualidade: no primeiro, uma repulsa à sexualidade; a menina abandona a atividade clitoridiana, fálica, e, com ela, sua sexualidade em geral, bem como boa parte de sua masculinidade em outros campos. O segundo caminho aponta para uma auto-afirmação de sua masculinidade, aferrando-se à esperança de obter um pênis, em algum momento. Esse “complexo de masculinidade” pode resultar em uma escolha de objeto homossexual manifesta. O terceiro e último é o caminho, propriamente falando, da feminilidade, para Freud, em que a menina tomará o pai como objeto, encontrando a via feminina do complexo de Édipo. Ao contrário dos meninos, o Édipo nas meninas não é destruído, mas criado pela influência da castração.

A fase de ligação exclusiva com a mãe, que pode ser chamada de pré-edipiana tem, nas mulheres, uma importância muito maior do que a que pode ter nos homens. A hostilidade para com a mãe, que Freud (1974) encontra em muitas análises de mulheres, se origina dessa fase, tendo sido simplesmente reforçada e explorada na situação edipiana. O afastamento da mãe surge do efeito do complexo de castração sobre a criatura que não tem pênis, reforçado pela proibição da masturbação, atividade fálica característica das meninas. O ressentimento por ser impedida de uma atividade sexual livre desempenha grande papel no desligamento da menina em relação à mãe.

Ao final dessa primeira fase de ligação com a mãe, Freud (1974) compreende ser notável o sentimento de censura da criança do sexo feminino em relação à mãe, por esta não lhe ter dado um pênis apropriado, isto é, tê-la trazido ao mundo como mulher. Os sentimentos de reivindicação e hostilidade têm conseqüências na psicologia da mulher, futuramente. Por último, interessa realçar o caráter ambivalente dessa ligação entre a menina e a mãe, na concepção freudiana da sexualidade feminina, neste momento. O afastamento da mãe constitui um passo extremamente importante no curso do desenvolvimento de uma menina, já que não se trata de mera mudança de objeto (da mãe para o pai). A transição para o objeto paterno se realiza com o auxílio das tendências que Freud designa de passivas, aquelas que escaparam à catástrofe, embora ele já saliente, nesta altura de sua teoria, que a libido é única, para a psicanálise, e que esta possui objetivos tanto ativos quanto passivos.

Na Conferência de 1933, designada de Feminilidade, Freud (1976) se propõe discutir o que ele designa de enigma da natureza da feminilidade, advertindo que nem a anatomia nem a psicologia são capazes de solucionar tal enigma. Afirma existir uma relação particularmente constante entre feminilidade e vida pulsional, e que a supressão da agressividade das mulheres, instituída constitucionalmente, e imposta socialmente, favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas que conseguem ligar, eroticamente, as tendências destrutivas que foram desviadas para dentro. Nesse sentido, considera equivalentes o masoquismo e o feminino.

Chama atenção nesta Conferência o fato de que, para Freud (1976), a psicanálise não deve se ocupar em descrever o que é a mulher, mas empenhar-se em indagar como é que ela se forma, como se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual. Esta concepção se justifica na medida em que, para Freud, ambos os sexos atravessam da mesma maneira as fases iniciais do desenvolvimento libidinal. Somente com a mudança para a feminilidade é que a menininha transfere sua sensibilidade do clitóris para a vagina, em que pesem os relatos isolados de sensações precoces nesta área.

Essa é a primeira das duas tarefas que Freud (1976) aponta para a mulher, no curso do seu desenvolvimento. A segunda delas refere-se a algo já descrito em 1931, no artigo supracitado, e que tem a ver com a descoberta, em muitas mulheres com intensa ligação com o pai real, de uma duradoura e rica ligação com a mãe, que a precedera. Os impulsos

que ligam a criança à mãe, seja do sexo masculino, seja do feminino, são, em sua versão primeira, ambivalentes, possuindo uma natureza tanto carinhosa quanto agressiva, hostil. Nos meninos, essa ligação amorosa com a mãe não se desfaz com a vigência do Édipo, e, em essência, por toda a vida deles. Nas meninas, o afastamento da mãe, permitindo dar entrada ao pai, não se faz sem hostilidade, ou mesmo sem ódio.

Freud (1976) examina quais os motivos que teriam as meninas de afastar-se da mãe. Os complexos de desmame – a censura que têm as crianças, contra a mãe, de não terem sido amamentadas o suficiente, e o de intrusão ou ciúme – o ressentimento contra a mãe infiel, que agora se dedica a um outro ser, ou mesmo a proibição da masturbação, não parecem a Freud suficientes para explicar esse afastamento da menina em relação à mãe. O fator específico, segundo ele, inevitável para a ruptura desse vínculo primordial, é encontrado no complexo de castração: a menina responsabiliza a mãe pela falta de pênis nela e não perdoa por ter sido, desse modo, colocada em desvantagem. A menina sucumbe, portanto, à inveja do pênis (*Penisneid*), o que deixará marcas indeléveis no seu caráter e no seu desenvolvimento, somente sendo superada com grande dispêndio de energia psíquica.

Tal como observado em 1931, Freud (1976) reitera as três linhas de desenvolvimento possíveis para a menina: a primeira, que conduz à inibição sexual ou à neurose; a segunda, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade; e finalmente a terceira, à feminilidade normal. Com relação ao primeiro desses caminhos, cabe ressaltar o que há de novo nessa Conferência; a menina renuncia à satisfação clitoridiana, fálica, e, em conseqüência, recalca boa parte de suas inclinações sexuais em geral. Seu afastamento da mãe não se dá de uma vez, mas aos poucos. Seu amor estava dirigido à mãe fálica; com a descoberta de que também ela é castrada, toma-se possível abandoná-la como objeto, de modo que os motivos de hostilidade assumem o domínio da situação.

Paralelamente ao abandono da masturbação clitoridiana, as meninas, ao renunciarem a uma determinada soma de atividade, podem estar se preparando, por via sinuosa, para o caminho para a feminilidade. O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, originalmente, o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou, e que agora espera obter de seu pai. Nesse caso, adverte Freud (1976), a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, de acordo com uma primitiva equivalência simbólica

(Criança=Falo). Freud identifica, por último, esse desejo de posse de um pênis como sendo, por excelência, um desejo feminino.

Com a transferência, para o pai, do desejo de um pênis=bebê, a menina inicia a situação do complexo de Édipo, que Freud (1976) qualifica de repouso, de refúgio, dando a entender que, se no menino, a ameaça de castração impele-o a abandonar o complexo de Édipo (no qual ele deseja a mãe e gostaria de eliminar o pai), recalca-lo ou ainda destruí-lo, a menina se vê forçada a abandonar a ligação com a mãe através da influência de sua inveja do pênis, entrando na situação edípica como se esta fora um refúgio. Na ausência do temor da castração, que leva o menino a superar o complexo de Édipo, a menina se vê na situação edípica por longo tempo, o que terá conseqüências no caráter da mulher, que Freud qualifica de ser social por excelência.

Com relação à segunda via no desenvolvimento sexual da menina, Freud (1976) acrescenta, nesta Conferência, que a menina, face à descoberta da castração feminina, reage com um intenso complexo de masculinidade, ou seja, apega-se à sua atividade clitoridiana e refugia-se numa identificação com sua mãe fálica ou com seu pai. O máximo de realização desse complexo parece a Freud ser a influência sobre a escolha de um objeto no sentido do homossexualismo manifesto, mas ele considera que raramente, ou nunca, o homossexualismo feminino pode ser expressão direta da masculinidade infantil. A menina, nesse caminho, toma o pai como objeto amoroso mas, em conseqüência do inevitável desapontamento que surge com relação a este, é forçada a regressar ao seu complexo de masculinidade.

Finalmente, com relação à terceira via, que Freud (1976) indica ser a via, por excelência, da feminilidade, as análises procedidas por psicanalistas mulheres levaram à confirmação de algumas hipóteses freudianas. Considerando que as duas demais vias constituem, em realidade, a pré-história da mulher, Freud assinala que o desenvolvimento da feminilidade permanece exposto a perturbações motivadas pelos fenômenos residuais do período masculino inicial: períodos em que ora a masculinidade, ora a feminilidade, se alternam na vida de algumas mulheres; regressões às fixações das fases pré-edípicas ocorrem; enfim, a mulher é tomada enquanto enigma, que Freud hesita em ver solucionado, através de suas descobertas, qualificadas, por ele próprio, de incompletas e fragmentárias.

Reitera ainda o caráter único da libido, assinalado em 1931, recusando-se a atribuir um sexo a esta. Através da observação analítica, Freud (1976) afirma uma quantidade maior de narcisismo à mulher, o que afeta também a escolha de objeto, reconhecendo no feminino uma necessidade maior de ser amada que, propriamente, de amar. Onde a escolha de objeto se faz livremente, a mulher, segundo Freud, elege o seu objeto amoroso em conformidade com o ideal narcisista do homem que a menina quisera tornar-se. Se a menina permaneceu vinculada a seu pai, ou seja, no complexo de Édipo, sua escolha se faz segundo o tipo paterno. Entretanto, essa escolha resulta em fracasso: a hostilidade em relação à mãe, que ficou para trás, segue na trilha da vinculação positiva (com o pai) e se estende ao novo objeto. O marido, inicialmente herdeiro do pai, torna-se também herdeiro da mãe, e as lutas entre a mulher e o marido ocupam boa parte de sua vida.

Uma outra modificação na natureza da mulher é assinalada por Freud (1976). Sob a influência da transformação da mulher em mãe, pode ser revivida uma identificação com sua própria mãe, contra a qual ela vinha lutando até o casamento. Esta situação arrasta a libido disponível, de modo que a compulsão à repetição reproduz um casamento infeliz dos pais. O nascimento de um filho homem mostrará o quanto o fator da falta fálica (falta de pênis, em última instância), permanece atuante na mulher: ela obtém, desse modo, uma satisfação sem limites, transferindo para seu filho aquela ambição que teve de suprimir em si mesma.

A identificação de uma mulher com sua mãe permite a Freud (1976) distinguir duas camadas: a pré-edípiana, sobre a qual se apóia a vinculação afetuosa com a mãe, e em que esta é tomada enquanto modelo, e a camada subsequente, oriunda do complexo de Édipo, que procura eliminar a mãe e tomar-lhe o lugar junto ao pai. Para Freud, nenhuma das duas camadas é adequadamente superada no curso do desenvolvimento. A fase da ligação afetuosa pré-edípiana é decisiva para o futuro de uma mulher, reafirma Freud, com tal ênfase que nos leva a pensar que a mulher é concebida segundo esse modelo. É por via da identificação com a mãe que Freud reconhece ser possível à mulher adquirir aquilo que constitui motivo de atração para o homem.

Por último, cabe assinalar algumas características adicionais nas mulheres, segundo a concepção freudiana : o pouco senso de justiça, que se deve à fixação da inveja em seu

caráter; a debilidade de seus interesses culturais, que se relaciona à pouca independência do seu supereu, e uma menor capacidade de sublimar as pulsões, ou seja, uma exigência pulsional maior do que nos homens, o que se oferecerá à leitura daquele que relê Freud – Lacan – especialmente no tocante à natureza da mulher.

Com Jacques Lacan, são vários os momentos em que ele discute a sexualidade feminina, retomando Freud e, ao mesmo tempo, estabelecendo novas bases de sustentação teórica para apreensão do que seja “a mulher”. Começamos pelo Seminário *A relação de objeto* (1956-57). Segundo Jacques-Alain Miller (1995), em *A lógica na direção da cura*, o Seminário IV tem como personagem principal a mãe, sendo, essencialmente, uma teoria da mãe. Recomenda também ser necessário localizar o desejo da mãe, na medida em que a mãe é também uma mulher. O primeiro ponto a se questionar é, muito justamente, o recobrimento, na teoria freudiana, entre a mãe e a mulher, ou seja, a feminidade definida a partir da maternidade. O hiato entre essas posições é o que tentaremos aclarar aqui, bem como suas conseqüências na clínica da toxicomama.

Lacan (1995) retoma o conceito freudiano de castração, nome que se dá à falta fundamental desse objeto imaginário, privilegiado, que é o falo, e que marca sua ausência no inconsciente, designando essa falta de $(- \varphi)$. Em Freud, como vimos, ele situava o desejo feminino em relação à falta desse objeto, chamando-o de *Penisneid*, ou inveja do pênis. Não há que pensar que o homem, a quem a anatomia dotou de um pênis, seja o satisfeito. Ao contrário, também no homem esse objeto se inscreve sob a forma de subtração, na medida em que seu desejo está sempre marcado pelo signo da insatisfação, da castração, em outros termos. Para aquele que tem o órgão, em Freud, como vimos, a castração aparece como uma ameaça, e, para o sujeito que não o tem, a castração é inveja, anelo, nostalgia. Em Freud, a mulher é um sujeito que nada nem ninguém pode satisfazer, no inconsciente, e, para preencher essa falta, que dá medo às mulheres e a todos, trata-se de dar crianças às mulheres, para acalmá-las. Mas a criança não é senão um substituto, que Freud equivale ao Falo.

Entretanto, a criança não é aquilo que falta a uma mulher. Na criança, a mulher reencontra algo que tem a ver com o objeto que lhe falta, mas todos os demais objetos podem ocupar esse lugar, de substituto, sem poderem preencher, plenamente, essa falta. Aliás, essa idéia de

completude guiou, por longo tempo, a psicanálise pós-freudiana, e coube a Lacan (1995) desmitificar a pretensa completude mãe-filho, um desvio da teoria freudiana. Ser mãe pode ser uma máscara, uma pseudosolução. Há que se considerar a mãe enquanto um sujeito correlativo de uma falta, que não é a falta-a-ser, como adverte Miller (1995), mas a falta de um objeto privilegiado.

A tese fundamental de Lacan (1995), nesse Seminário, é, para Miller (1995), que o determinante para cada sujeito é a relação da mulher que se encontra como sua mãe, a relação dessa mulher com sua própria falta. Pensando a respeito do toxicômano, interessamos situar aqui como esse sujeito, o toxicômano, se encontra relacionado com sua mãe, mas não só, lembrando também a forma como essa mãe se relaciona com sua própria falta, outro nome da castração. E, nesse segundo aspecto, ou seja, da relação de sua mãe com sua própria falta, deve ser lembrado um outro fator, de grande importância na economia do sujeito, e, em especial, do toxicômano: como o parceiro da mãe, ou seja, o pai, lida com a falta desta como mulher. Miller (1995) concebe uma fórmula para a análise de criança:

$$Sc \diamond [Sf \diamond (- \varphi)]$$

em que se pode ler: em cada análise de criança, há que se verificar como esta se inscreve nessa relação. Como o sujeito criança – Sc – se articula na relação do sujeito feminino – Sf – com sua falta fálica – (- φ) – e como a criança – Sc – se inscreve nessa relação. Esta fórmula, que especifica a posição da criança na análise, permitiu-nos, num primeiro momento, estabelecer uma certa correlação entre criança-toxicômano, e, num segundo momento, por via de extensão, elaborar a posição do toxicômano na cura. Desse modo, poder-se-ia pensar numa fórmula

$$St \diamond [Sf \diamond (- \varphi)]$$

que se pode ler: em cada análise de toxicômano, deve-se verificar como este se inscreve nessa relação, ou seja, como o sujeito toxicômano – St – se articula na relação do sujeito feminino – Sf – com sua falta fálica – (- φ) – e como o sujeito toxicômano – St – se inscreve nessa relação.

Lacan (1995) aponta para a frustração, que infelizmente mereceu, depois de Freud, um tratamento desviante, de tal modo que resultou na pretensa completude mãe-filho. Lacan restaura a noção de frustração, outro nome da Demanda, e coloca-a como ponto teórico central do Seminário IV. A frustração que primeiro aparece é a frustração da criança, com relação à mãe. Mas, acima de tudo, situa, como o plano mais importante, a frustração da mãe, a frustração da mãe como mulher.

O capítulo XI desse Seminário é intitulado “O Falo e a Mãe insaciável”, e é onde Lacan (1995) define a frustração da mãe. Frustração é entendida, inicialmente, não como recusa de um objeto de satisfação, no sentido puro e simples, mas como a recusa do dom, na medida em que o dom é símbolo do amor. Lembra Lacan que essa concepção se lastreia em Freud, para quem a relação de amor comporta, fundamentalmente, não apenas um objeto, mas um ser. O dom, para ele, se manifesta ao apelo, que se faz escutar quando o objeto não está lá. Quando o objeto aí se encontra, este se manifesta como sendo, essencialmente, signo do dom, isto é, como nada em termos de objeto de satisfação. Este jogo simbólico tem, para Lacan, um caráter fundamentalmente decepcionante, lembrando a descrição feita por Freud do jogo do carretel, a experiência do *Fort-Da*, que, mais que repetição significativa, aponta para a frustração.

A partir de seu ingresso na dialética da frustração, o objeto real não é, para Lacan (1995), em si mesmo, indiferente, mas não tem necessidade alguma de ser específico. Mesmo que não seja o seio da mãe - para responder aos analistas que se indagavam de crianças amamentadas por mamadeiras, por exemplo - nem por isso ele perderá algo do valor de seu lugar na dialética sexual, de onde se origina a erotização da zona oral. Não é o objeto que desempenha, em seu interior, o papel essencial, mas o fato de que a atividade assumiu uma função erotizada no plano do desejo, o qual se ordena no plano simbólico.

No momento em que a mãe passa de sujeito da exigência simbólica, lugar onde se pode manifestar a presença ou ausência, para mãe real, podendo recusar indefinidamente, podendo, literalmente, tudo, essa mãe passa a ser toda-poderosa. É quando aparece, pela primeira vez, a dimensão da onipotência. É da onipotência desse ser real que depende, de forma absoluta, o dom. A experiência do estágio de espelho, fenômeno que a experiência clínica com Lacan tão bem destacou, permitirá à criança capturar a totalidade de seu corpo

próprio, em sua reflexão especular, onde ele se realiza de certa maneira neste outro total, experimentando um sentimento de triunfo. Mas, assinala Lacan (1995), acompanha este sentimento de triunfo, de júbilo, de exaltação, um sentimento de impotência da criança, ao perceber que esse outro total não lhe obedece.

Muitas vezes, a criança responde a essa onipotência, na relação de dependência, com sintomas, como a anorexia mental: “É no nível do objeto anulado como simbólico que a criança põe em xeque a sua dependência, e precisamente alimentando-se de nada. E aí que ela inverte sua relação de dependência, fazendo-se, por esse meio, o mestre da onipotência ávida de fazê-la viver, ela que depende da onipotência. A partir daí, é ela quem depende por seu desejo, é ela quem está à sua mercê, à mercê das manifestações de seu capricho, à mercê da onipotência de si mesma” (p. 190).

O passo seguinte na relação mãe-criança é a entrada do falo. O falo imaginário é, para Lacan (1995), o pivô de toda uma série de fatos que exigem descrição. Trata-se de um labirinto onde o sujeito, habitualmente, se perde, e onde pode mesmo vir a ser devorado. O fio para se poder sair, assinala Lacan, é dado pelo fato de que à mãe falta o falo, que é porque ele lhe falta que ela o deseja, e é apenas na medida em que alguma coisa lhe proporcione, que ela pode ser satisfeita. Lacan se pergunta que papel desempenha o falo, no nível da pretensa exigência da mãe fálica, no nível de sua função imaginária. Trata-se, para ele, de saber como a criança realiza, mais ou menos conscientemente, que sua mãe onipotente tem falta de alguma coisa, e de saber por qual via ela vai lhe dar esse objeto faltoso, que sempre falta a ela mesma.

Tal como Freud, em seus artigos sobre a sexualidade feminina, Lacan (1995) assinala que o fundamental é a relação que Freud qualifica de pré-edípica, logo antes do Édipo, entre a relação primeira, a da frustração primitiva, e o Édipo. Trata-se, para Lacan, da etapa em que a criança se engaja na dialética intersubjetiva do engodo: “para satisfazer o que não pode ser satisfeito, a saber, esse desejo da mãe que, em seu fundamento, é insaciável, a criança, por qualquer caminho que siga, engaja-se na via de se fazer a si mesma de objeto enganador. Este desejo que não pode ser saciado, trata-se de enganá-lo. Precisamente na medida em que mostra à sua mãe aquilo que não é, constrói-se todo o percurso em torno do qual o eu assume sua estabilidade” (p. 198).

Na medida em que se faz de objeto para enganar, a criança se vê engajada, diante do outro, numa posição em que a relação intersubjetiva é inteiramente constituída. Mas o engano não é de efeito imediato, como se pode supor, mas tem a ver com a posição que a criança ocupa no desejo da mãe : como se trata de um desejo que não pode ser satisfeito, só se pode enganá-lo. Lacan (1995) assinala ainda que esta mãe, insaciável, insatisfeita, é alguém real, e, como todos os seres insaciados, ela procura o que devorar - *quaerens quem devoret*. O que a própria criança encontrou, outrora, para anular sua insaciedade simbólica, vai encontrar, possivelmente, diante de si, como uma boca escancarada, que o mito da Medusa tão bem ilustra. É uma figura devoradora que a criança encontra, como saída possível em sua busca de satisfação da mãe.

Para concluir estas observações, sem no entanto dar por encerrada a questão, recortemos algumas considerações de Marie-Hélène Brousse (1993), no seu artigo “Ser mãe, ser mulher; Mulher ou Mãe?” , apresentado nas Jornadas de Outono “O Outro Sexo na experiência psicanalítica”, organizadas pela Escola da Causa Freudiana e pela Escola Européia de Psicanálise, em 1992. Em primeiro lugar, assinala a autora, a criança ocupa, no campo analítico, o lugar do sujeito do inconsciente. Correlativamente, a mãe não se situa como a fêmea, o que faz explodir uma solução de completude, remetendo a figura da mãe ao debate freudiano sobre o desejo, indestrutível e irreduzível. Isto leva a romper a identidade, sonhada por alguns psicanalistas pós-freudianos, entre a mulher e a mãe, conduzindo a teoria, bem como a experiência psicanalítica, a buscar uma nova concepção das posições femininas.

Com Lacan (1995), é restabelecida a ligação entre maternidade e castração, ao mesmo tempo em que se desfaz o mito de uma satisfação originária, em que a diferenciação sujeito-objeto seria abolida, tanto para a criança quanto para a mãe. A entrada do Nome-do-Pai, regulando o Desejo da Mãe, naquela operação que Lacan batizou de constituição da metáfora paterna, torna-se, para Marie-Hélène Brousse (1993), a escrita de humanização do desejo, ou seja, o Desejo da Mãe toma seu valor a partir de uma falta, constitutiva da mulher, que Freud nomeou como desejo eternamente insatisfeito. Isto significa que a mãe, freudiana ou lacaniana, é tomada no registro da castração, também ela é submetida à ordem fálica. “A maternidade é, pois, uma posição sexual que consagra, num sujeito feminino, o

sacrifício do gozo implicado pela castração”, diz Marie-Hélène Brousse, apontando que a criança satura o modo de falta em que o Desejo da Mãe se especifica. Lembra, a propósito, os fenômenos clínicos da depressão *post partum*, que têm a ver com o fato de que a criança permite à mãe aceder àquilo que falta ao sujeito masculino, aceder ao próprio objeto de sua fantasia, que aparece no real. Nossa experiência clínica com mães de toxicômanos nos comprova este fato. A maternidade pode, muitas vezes, dar lugar ao horror de um encontro com o real, pelo fato de a criança realizar o simulacro fálico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROUSSE, Marie-Hélène. Ser Mãe, Ser Mulher; Mulher ou Mãe? *Revue de Psychanalyse*, L'Autre sexe, p.130-13, Diffusion Navarin Seuil, 1993 (La cause freudienne) (Tradução livre de Véra Motta)

CLASTRES, Guy. A significação do falo. *Transcrição 6*. Salvador: Fator, 1990 (Publicação da Clínica freudiana)

FREUD, Sigmund. Sexualidade feminina. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. v. XXI, p.255-79. Rio de Janeiro: Imago, 1974

_____. Conferência XXXIII. Feminilidade. In: _____. Edição Standard..., v.XXII, p.139-65. Rio de Janeiro: Imago, 1976

FLEISCHER, Deborah. El goce místico y del “toxicomano”. *Sujeto, Goce y Modernidad*. Los fundamentos de la Clínica II. Buenos Aires: Atuel TyA, 1994

LACAN, Jacques. *O seminário; livro 4*; a relação de objeto. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. *O Seminário; livro 8*, a transferência. Rio de Janeiro: Zahar, 1992 (O Campo freudiano no Brasil)

_____. *O Seminário; livro 20*, mais ainda. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LAURENT, Eric. Os dois sexos e o Outro gozo. *Revue de Psychanalyse...*, p.3-4 (Tradução livre de Arlúcia Fauth)

MILLER, Jacques-Alain. *A lógica na direção da cura*. Elaboraões sobre o Seminário IV de Jacques Lacan, A Relação de Objeto. Seção Minas Gerais da Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano, 1995

SOLER, Colette. O não-toda. *Opção lacaniana*, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, 9, p. 43-8, janeiro/março 1994.

* Texto apresentado no Curso Família e Toxicomania, a cargo do Grupo de Estudos Família, da Clínica do Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas-CETAD/UFBA, dentro da programação do X Aniversário do CETAD, Seminário Internacional, de 5 a 8 de outubro de 1995.